

cotidiano

Cidades da região Sul do país têm temperaturas negativas e até neve

Nevou em mais de dez municípios gaúchos; tempo deve continuar gelado nos próximos dias

Fernanda Canofre

PORTO ALEGRE Gramado e Canela começaram a noite desta quarta-feira (28) com neve forte caindo e acumulando nas vias, deixando cenário com árvores, casas e ruas cobertos de branco.

Segundo um levantamento feito pela MetSul, empresa de meteorologia, pelo menos 33 municípios gaúchos tiveram neve ou chuva congelada nesta quarta, as chamadas precipitações inverniais. Em alguns, foram registradas as duas ocorrências. A neve foi registrada em mais de uma dezena de municípios gaúchos.

O fenômeno se expandiu para além da região da Serra, onde é mais comum, sendo observado também nas regiões da Campanha, no centro e sul do estado.

O time do Juventude, de Caxias do Sul, gravou vídeo mostrando a neve na tarde de quarta. Foram registradas imagens também em cidades como Soledade, na região norte.

O frio intenso desta semana, com uma massa de ar polar que levou ao registro de -7,8°C no amanhecer desta quarta em Santa Catarina, é comparável ao fenômeno registrado em 2013, o último grande evento de neve, segundo a meteorologista Estael Sias.

A onda desta semana é a terceira de frio intenso que chega ao Rio Grande do Sul em julho, deixando a atmosfera ainda fria. “Temos ciclone distante da costa mandando umidade, nuvens e gerando circulação de ar mais úmido que entra dentro dessa camada de ar muito gelada, e trouxe pancadas de chuva para diversas áreas do estado”, explica Estael.

Em Cambará do Sul e São José dos Ausentes, municípios na região dos Aparados da Serra, onde a temperatura chegou a marcar em torno de -4°C na manhã desta quarta, a sensação térmica chegou a -11°C.

Ainda segundo o levantamento da MetSul, só no Rio Grande do Sul, 57 municípios registraram temperaturas negativas no amanhecer de quarta, o que pode se repetir nesta quinta no amanhecer.

Na sexta, o frio deve se concentrar na madrugada e pela manhã, mas com ar mais seco, as máximas podem ficar acima das registradas no meio da semana, podendo chegar a 14°C ou 15°C.

No sábado, o Rio Grande do Sul ainda poderá ter mínimas



Ginásio do Pelezão, na Lapa, na zona oeste de São Paulo, onde foi montado abrigo emergencial contra o frio Ronny Santos/Folhapress

negativas. O termômetro só deve voltar a ficar acima de zero em todo o estado a partir de domingo.

Entidades doam comida, agasalhos e casulos em São Paulo

DIAS MELHORES

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Os dias frios previstos para esta semana —nesta sexta-feira (30) os termômetros deverão registrar mínima de 2°C em São Paulo— são mais uma preocupação para quem não tem onde morar, alimentação e agasalhos.

Na capital paulista, entidades que atendem a população mais vulnerável estão se mobilizando para proteger quem mais precisa nos dias gelados. Nesta quarta (28), o projeto Ruas sem Fome distribuiu, além de 80 marmittas e água mineral, cerca de cem cobertores a quem está na rua.

Segundo a advogada Taís Lopes, 37, uma das idealizadoras, o projeto nasceu em março de 2020. “Eu e os moradores do prédio nos demos conta de

que, com o comércio fechado por causa da pandemia, a população de rua não tinha onde pedir água e comida”, disse.

Atualmente, o Ruas sem Fome tem cerca de 50 voluntários, entre vizinhos e amigos. A ação consiste na distribuição de marmittas para o jantar e água mineral às segundas, quartas e sextas.

Censo de 2019 contou 24.344 pessoas em situação de rua na capital paulista.

Nesta quinta (29), a partir das 16h30, o projeto Sopão com Carinho, idealizado pela entidade beneficente de combate à fome **TenYad** fará a distribuição de 500 cobertores, 120 forrações, alimentos, além das tradicionais sopas, para a população carente da região central.

A instituição serve e entrega mais de 2.500 refeições diariamente entre sua sede na área da cracolândia, no Bom Retiro e no restaurante Bom Prato da Baixada do Glicério.

Segundo o rabino Berel Weitzman, diretor do **TenYad**, o Sopão com Carinho é estendido a toda população carente, aos trabalhadores e não só a moradores em situação de rua. “A intenção é amenizar o frio do inverno para quem já sofre com falta de moradia adequa-



Neve em Canela, na Serra Gaúcha Lucas Galle Antonelli/Divulgação



Entrega de doações do Ruas sem Fome Mathilde Missionero/Folhapress

da, crise econômica e pandemia”, afirma Weitzman.

Em abril de 2021, um grupo de amigos criou um saco de dormir impermeável e começou a distribuir para moradores em situação de rua. O objeto, batizado de casulo, ameniza o problema de quem passa frio nas ruas e também de costureiras que perderam o emprego e precisam trabalhar. Com a dupla função social como objetivo, nasceu o projeto Casulo pra Rua.

A primeira a se mobilizar foi a estilista Bibi Fragelli, moradora de Higienópolis. “Ela ficava muito incomodada por dormir numa cama quentinha e as pessoas na calçada. Uma vez, chegou a ver uma grávida com a barriga direto no chão, e decidiu fazer algo”, conta o jornalista Renato Levi, que também faz parte do projeto.

O saco de dormir é leve, impermeável, à prova de chuva, fácil de lavar e bem quentinho. Traz ainda um travessão acoplado e pode ser dobrado e transformado numa bolsa. Até o momento, foram produzidos cerca de 2.200 casulos para São Paulo, mas a ideia se espalhou para muitos estados.

A mão de obra vem do coletivo de mulheres trans e tem moradoras da ocupação Nove de Julho, mas visa também atender outras costureiras em situação de vulnerabilidade e que perderam o emprego. “Elas são remuneradas de forma justa e ganham muito mais do que se trabalhassem num ramo de confecção normal”, afirma Levi.

O Casulo pra Rua vive de doações de dinheiro —cada unidade custa R\$ 158— e de tempo, com a distribuição.

A Prefeitura de São Paulo montou cinco tendas pela cidade para receber moradores de rua nos próximos dias, nas praças da Sé e Princesa Isabel, na região central; na praça Barão de Tietê, na Mooca (zona leste); na praça Salim Farah Maluf, em Santo Amaro (zona sul); e na praça Miguel Dell’erba, na Lapa (zona oeste).

A previsão é fornecer 5.000 pratos de sopa por noite, além da distribuição de 3.200 toneladas de agasalhos e cobertores, em parceria com a Cruz Vermelha, e kits de higiene.

Foram criadas 817 novas vagas em centros de acolhida, elevando o total a 1.157. A estação Pedro II, do metrô, também receberá moradores de rua, e ônibus e vans foram disponibilizados para o transporte até os abrigos.

A temperatura caiu quase 19°C em 24 horas na cidade: dos 28°C registrados pelo Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia) no mirante de Santana (zona norte) às 14h de terça para 9,6°C às 14h desta quarta. Nesta quinta, a cidade deve registrar mínima de 3°C, e a máxima não deve passar de 12°C, segundo o Inmet.

Com o Agora

Frio no Brasil e calor no Canadá são sinais da mudança climática

João Fellet

BBC NEWS BRASIL A onda de frio extremo que chega ao Sul e Sudeste do Brasil nesta semana poderá fazer com que alguns brasileiros questionem se o planeta está, de fato, aquecendo. Sim, está —e há fortes indícios de que a onda de frio seja ela mesma intensificada pelas mudanças climáticas em curso.

A onda deve derrubar as temperaturas nos estados do Sul, do Sudeste e de parte do Centro-Oeste até o próximo domingo (1º).

Nas serras Catarinenses e Gaúcha, as mínimas previstas são de -10°C, com sensação térmica de até -25°C, enquanto Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, Campo Grande, São Paulo, Belo Horizonte e Vitória devem registrar as menores temperaturas do ano.

Será a segunda onda de frio intenso a atingir a região em menos de um mês. Em 30 de

junho, várias cidades do Sul e Sudeste tiveram as menores temperaturas dos últimos anos —marcas que agora poderão ser batidas pela nova onda.

O frio extremo atinge o sul do Brasil enquanto, no hemisfério norte, vários países registram recordes de calor e de volume de chuvas.

No Canadá, os termômetros na cidade de Lytton mediram 49,6°C no fim de junho —marca que superou em 4,6°C a temperatura mais alta registrada no país até então.

Poucas semanas depois, chuvas muito acima dos padrões inundaram cidades na Alemanha e na China. Os eventos extremos nos três países provocaram centenas de mortes.

É mais fácil entender como as mudanças climáticas favorecem recordes de calor e de chuva. Intensificados nas últimas décadas, a queima de combustíveis fósseis (como o petróleo e o carvão) e o desmatamento ampliam a quantidade na

atmosfera de gases causadores do chamado efeito estufa.

Esses gases dificultam a dispersão do calor dos raios solares que atingem o planeta, o que tende a aumentar a temperatura no globo como um todo.

Temperaturas mais altas, por sua vez, aceleram a evaporação da água, o que facilita a ocorrência de temporais.

A temperatura da Terra já subiu cerca de 1,2°C desde o início da era industrial, e as temperaturas devem continuar aumentando a menos que os governos ao redor do mundo tomem medidas para reduzir as emissões. Porém, o aumento das temperaturas médias não quer dizer que ondas de frio não continuarão a ocorrer —nem mesmo que elas não possam se intensificar em situações específicas.

É o caso da massa polar que chega ao Brasil nesta semana, diz à BBC News Brasil o geógrafo e climatologista Francisco Eliseu Aquino, profes-

sor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Aquino foi um dos primeiros pesquisadores a estudar as conexões climáticas entre o sul do Brasil e Península Antártica —tema de sua tese de doutorado, em 2012. Ele diz que, ao longo do ano, massas de ar circulam em sentido horário entre as duas regiões: o sul do Brasil envia à Antártida massas de ar quente e recebe dela massas de ar frio.

Segundo Aquino, a velocidade dessa circulação se acelera conforme a mudança climática eleva a temperatura no Brasil no inverno, época do ano em que a Antártida está bem gelada por não receber qualquer insolação.

Além disso, o calor acima do habitual no sul do Brasil “perturba” o sistema de trocas, induzindo o ar quente a entrar na Antártida e abrindo o caminho para a chegada de ar frio.

Não por acaso, diz ele, exceto pelas ondas pontuais de frio de

2021, o centro-sul do Brasil tem tido um inverno mais quente que a média —o que também tem ocorrido nos últimos anos. Na véspera da chegada desta massa polar, os termômetros em cidades como Porto Alegre e São Paulo beiravam os 30°C. Em pleno inverno.

Outro ponto que tende ampliar o impacto desta onda de frio, diz Aquino, é que a massa que chega ao país se resfriou ainda mais ao passar pelo mar de Weddell —uma das regiões mais geladas da Antártida. As condições são tão propícias ao avanço da massa, diz ele, que a onda deve derrubar as temperaturas até o sul da Amazônia.

Aquino afirma que especialistas já previam há cerca de 15 anos a ocorrência dos eventos que hoje observamos no centro-sul do Brasil —incluindo ondas de frio extremo em meio a invernos quentes e secos. “Caminhamos para um cenário de estiagens mais longas

e secas no Brasil, com o desmatamento e as queimadas intensificando esses processos”.

Aquino afirma que o planeta caminha rumo aos “limiares mais perigosos possíveis” dos cenários projetados para 2030 ou 2050.

Embora o Acordo de Paris tenha estabelecido a meta de limitar o aquecimento global a 1,5°C em relação aos padrões pré-industriais, ele diz que os esforços foram comprometidos pelos anos em que Donald Trump exerceu a Presidência nos EUA. Trump retirou os EUA do acordo e estimulou setores poluentes, o que atrasou a implantação das metas mundo afora.

“O que a comunidade científica entende hoje é que com certeza vamos ultrapassar os 1,5 ou 2 graus.”

Para Aquino, os eventos extremos em curso “já dão sinais de que as mudanças podem ser mais intensas do que as previstas pelos cenários mais ruins”.